

## APRESENTAÇÃO

*Se o mundo todo fosse exatamente dividido em vermelhos e negros, se eu me colocar do lado dos negros serei inimigo dos vermelhos, colocando-me do lado dos vermelhos serei inimigo dos negros. Não poderei estar de modo algum fora de um ou de outro porque – esta é a hipótese – eles ocupam todo o território e não existe espaço intermediário entre eles. [...] E quando esta hipótese é confirmada, o ofício do intelectual, que detesta ou deveria detestar alternativas demasiado nítidas, se torna difícil.*

Norberto Bobbio, *Política e cultura*.

O presente Dossiê “Elites políticas” apresenta trabalhos que, a despeito dos diferentes temas tratados, têm uma característica comum: procuram entender o Brasil a partir do estudo de suas elites.

Tema clássico em todo o mundo, as elites políticas já foram objeto de pensadores não só do mundo das ciências sociais – como Platão, Max Weber, Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto, Robert Michels, Charles Wright Mills, Joseph Schumpeter, Robert Dahl e, mesmo, Lênin, com seu conceito de vanguarda do proletariado<sup>1</sup> –, quanto, também, de romancistas como Balzac, Victor Hugo e Dickens, que retrataram a vida das elites europeias do século

---

<sup>1</sup> De maneira geral, em todas as épocas e em todas as sociedades, das mais simples às mais complexas, sejam democráticas ou autoritárias, pode-se distinguir os governantes dos governados. Para o italiano Vilfredo Pareto, um dos fundadores da teoria das elites políticas, há em todas as esferas, em todas as áreas de atuação humana, uma minoria de indivíduos que se destacam dos demais por seus dons e por suas qualidades superiores. Gaetano Mosca, outro italiano também fundador da referida teoria, acreditava que em todos os organismos políticos havia sempre duas classes de pessoas, uma mais e outra menos numerosa, e o que distinguia a minoria da maioria, conferindo-lhe o poder de dirigir, era, inicialmente, a organização. Além disso, a minoria também se destacava por possuir algum atributo, alguma qualidade altamente valorizada em termos sociais, como a força física, o contato direto com divindades, o saber, a riqueza e assim por diante.

XIX, em contraste com a miséria das massas que procuravam se ajustar às transformações da revolução industrial em curso em seus países.

Se à expressão “elites políticas” acrescentarmos a qualificação “brasileiras”, estaremos falando de um universo relativo aos grupos que, sucessivamente, nas circunstâncias específicas de cada época da história brasileira, exerceram o poder político. As elites políticas brasileiras também estão presentes não apenas na literatura sociológica especializada, mas nas mais diferentes manifestações da cultura nacional. Romances, filmes, músicas, novelas e folhetins se dedicaram a retratar as elites. Considerando-se que seus estilos de vida, suas preferências e suas ações repercutem sobre a vida da população como um todo, entendê-las significa, mesmo que ao avesso, entender toda sociedade. No campo da literatura, provavelmente, o autor que mais nos revelou suas artimanhas tenha sido Machado de Assis, que pintou um quadro que até hoje pode ser convocado quando se fala de jogos de poder envolvendo membros das elites políticas do Brasil da virada do século XIX para o XX. Em *Dom Casmurro*, explorou as diferenças entre Bentinho e Escobar, em torno do amor de Capitu, como parte de um jogo mais amplo que envolvia conquistas sociais e estilos de vida como requisitos de acesso à então elite da capital da República.

No campo das ciências sociais, seria praticamente impossível entender as características sociais e o significado político desses grupos sem as formulações dos autores que já se debruçaram sobre o tema e que captaram em seus estudos traços da índole política nacional, nos revelando um Brasil extremamente diverso, paradoxal e, ao mesmo tempo, único.

Autores como Tavares Bastos, Oliveira Vianna, passando por Gilberto Freyre, Raymundo Faoro, Sergio Buarque de Holanda, Vitor Nunes Leal, José Murilo de Carvalho, Simon Schwartzman, e até mesmo Richard Morse, chamaram os governantes brasileiros de elite política, patriarcas, senhores, classe dirigente, burocratas, estamento patrimonial, aristocratas etc., designações que, realmente, nos levam a teorias e a Brasis muito diversos.

Confeccionaram um mosaico de perspectivas indispensáveis para uma leitura mais plural e compreensiva da política nacional. Suas visões originais, a despeito das disputas acadêmicas em que se envolveram, não raro se complementam, tendo criado uma inestimável arqueologia dos grupos dirigentes nacionais.

Essas contribuições pedem, porém, para serem discutidas, atualizadas e desdobradas, considerando-se que alguns aspectos do Brasil moderno mudaram significativamente, sobretudo, o ambiente de competição política, o que tornou a vida pública nacional muitíssimo mais instável. O político do Brasil moderno formou-se nesse ambiente que, sem dúvida, repercutiu em suas estratégias e em sua maneira de fazer política.

Se realidades originais exigem teorias próprias, a formação social brasileira em sua irredutibilidade reclama e poderia se beneficiar de que aspectos da teoria das elites?

O estudo das elites chama atenção para uma característica fundamental da vida das sociedades humanas, que é a luta estratégica que elites concorrentes travam pelo poder. Luta essa travada em diferentes campos que possuem, cada qual, conteúdos e histórias que os estruturam em condições muito particulares. Economia, política, religião, classe, gênero, geração etc. constituem-se em dimensões da sociedade dotadas de densidade própria e regidas por regras que, apesar de se influenciarem mutuamente, guardam peculiaridades que condicionam e marcam o comportamento e a ação de seus membros. Sobrepostos, esses campos compõem uma constelação que revela a estrutura de conflitos das sociedades, a impressão digital de cada sociedade. Impressão digital composta pela originalidade tanto dos “territórios” quanto dos “atores” que neles se deslocam estrategicamente. Elementos estruturais e estratégicos que, em suas irredutibilidades, nos fornecem as chaves da compreensão da vida política de onde se situam.

Considerando-se esses pontos, não há qualquer razão – a não ser as extrateóricas – para tomar essas duas dimensões (estrutural e estratégica) como excludentes. Se, por um lado, é inegável que as elites agem condicionadas por forças estruturais que fornecem os padrões onde suas estratégias e seus projetos ganham vida, por outro lado essas elites – em condições determinadas – fazem escolhas, traçam táticas, tomam decisões, calculam o alcance de suas possibilidades de poder e afetam, com isso, o mundo político.

O presente dossiê acolhe trabalhos sobre elites que, certamente, colaboram com a discussão sobre as características do Brasil moderno.

O texto “As elites cindidas: o Brasil entre dois marcos da Revolução Burguesa”, de Aspásia Camargo, está na origem de uma reflexão teórica e metodológica que ajudou a pavimentar o

caminho para a instalação de programas de pesquisa do então Centro de Pesquisa e Documentação de História (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV). Escrito no ano de 1981 e apresentado no V Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), vem a público pela primeira vez. E, como o leitor poderá notar, mantém-se extremamente atual.

O trabalho “A elite governante e a escolha dos ministros do Supremo Tribunal Federal”, de Paulo Marcelo de Miranda Serrano constitui-se como importante contribuição, realizada através da comparação com a Suprema Corte dos EUA, sobre o processo e os critérios de escolha dos membros do Supremo Tribunal Federal, tema de extrema atualidade para o Brasil de hoje.

Everton Araújo dos Santos, no texto “A elite do Exército”, analisa essa instituição no contexto das transformações vivenciadas pela sociedade brasileira contemporânea, procurando dar destaque ao processo de formação dos oficiais na manutenção de uma identidade autorreferida.

O trabalho “Fragmentos para uma análise da forma de recrutamento das elites político-econômicas ministeriais de Castelo Branco a Lula”, de Mário Jorge de Paiva, procura decifrar as principais características dos membros das instituições econômicas (Ministério da Fazenda, Ministério do Planejamento e Presidente do Banco Central) do governo federal desde o governo do general Humberto de Alencar Castelo Branco até o segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva.

O trabalho “Interdependência entre as elites e os pobres em contexto de alta desigualdade: questões conceituais e empíricas”, de Matias Lopez, discute a interdependência social entre as elites e os pobres em democracias desiguais.

Na sequência, o leitor encontrará o texto de Ricardo Ismael, no qual é realizado um estudo comparativo sobre a visão das elites políticas estaduais do Nordeste, a respeito do modelo federalista e sobre o desenvolvimento regional, envolvendo especialmente os grupos governantes da Bahia, de Pernambuco e do Ceará, no período de 1995 a 1998.

O texto de Renato Monseff Perissinotto, sem pretender uma exclusividade explicativa, defende a utilidade teórica dos estudos que focam a sua atenção nas elites para entender aspectos importantes da realidade política. Para tanto, dá destaque a três dimensões em sua análise: 1) ao desenho das instituições políticas e à estrutura econômica, mas sem abdicar de compreender o

papel daqueles que fazem a política; 2) ao reconhecimento de que as elites políticas, por mais autônomas que sejam, atuam em condições objetivas, que limitam suas escolhas ou modelam seus valores; e 3) a percepção de que a busca pelo poder está ligada à definição mesma de elite política, o que não significa que este seja o único aspecto a ser considerado num estudo sobre o tema.

Finalmente, o trabalho “As elites políticas brasileiras: uma proposta de abordagem”, de minha autoria, apresenta sugestão de pesquisa sobre o Brasil moderno considerando suas elites e as características mais marcantes da vida política nacional: o corporativismo brasileiro e suas crises.

*Eduardo Raposo.*